

Introdução à Técnica Radiofônica, organizada por Mário de Moura em 1956: nas referências de Zita, a primeira coletânea sobre técnicas de rádio publicada no Brasil¹

Eduardo MEDITSCH²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo:

Este texto recupera a memória do primeiro livro sobre técnicas de rádio publicado no Brasil, citado nas referências de Zita de Andrade Lima, pioneira no estudo acadêmico do meio. Além de uma breve resenha do conteúdo do livro, traz informações sobre o seu organizador Mário de Moura e sobre a Editora Páginas, que foi a primeira casa editorial especializada em Comunicação & Artes no Brasil e provavelmente em todo o mundo de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Introdução à Técnica Radiofônica; Mário de Moura; Editora Páginas.

A pioneira e suas referências

Zita de Andrade Lima foi sem dúvida uma pioneira no estudo acadêmico sobre o rádio no Brasil, tendo produzido a primeira dissertação de Mestrado especializada no objeto, defendida na Universidade de Brasília em 1967, e publicado alguns dos primeiros textos e livros acadêmicos sobre o tema. Mas é no seu próprio livro sobre princípios e técnicas de radiojornalismo, de 1970, que encontramos referência a uma obra anterior sobre o rádio que, ainda que sem pretensão acadêmica, é provavelmente a primeira obra sobre as suas técnicas publicada no Brasil. A citação desta obra aparece na página 88 do livro de Zita, onde a autora enfatiza o seu ineditismo: "Em uma antologia pioneira de estudos teóricos e práticos sobre o rádio, publicada em 1956, CARLOS GONÇALVES, referindo-se à notícia radiofônica, escreveu:(...)". A observação remete a uma nota de rodapé apresentada ao final do capítulo quinto, sobre A Radionotícia, em que Zita volta a destacar o pioneirismo da coletânea:

Como argumentamos no texto, esse livro, uma coletânea de artigos, organizada e apresentada por Mário de Moura, foi uma iniciativa pioneira de interessar os brasileiros no estudo específico da produção e realização de Rádio e TV. Era o primeiro de uma coleção que anunciava volumes sobre radiojornalismo, programação de Tv, radioteatro,

¹ Trabalho apresentado ao GP Rádio e Mídia Sonora, mesa temática sobre o Pioneirismo de Zita de Andrade Lima no estudo acadêmico do rádio, realizada no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Titular de Jornalismo na UFSC. Pesquisador do CNPq.

³ Professor Titular de Jornalismo na UFSC. Pesquisador do CNPq.
<https://blog.ufba.br/portaldoradio/bibliografia/>

⁴ O Conselho Editorial da coleção era formado por Alberto Shatovsky, Alfredo Souto de Almeida, Anselmo Domingos,

cinema no rádio, rádio rural, etc. Ao que nos conste, a coleção morreu no nascedouro. (...) Todos os textos publicados valem, sobretudo, como um documentário de como se concebia a realização radiofônica naquela época, pois os estudos tiveram por base "lições do curso de radialismo da Universidade do Lar, de São Paulo". Parece-nos que a influência desse curso foi tão poderosa que, praticamente, ainda hoje o rádio brasileiro pouco evoluiu, de modo especial no que diz respeito ao jornalismo(...). (LIMA, 1970, p. 89)

Se Zita de Andrade Lima já via o interesse documental da antologia apenas 14 anos após a sua publicação, sem dúvida este cresceu bastante quando o pequeno livro da Editora Páginas vai completar seis décadas de seu lançamento, em março de 2016. Os oito textos selecionados pelo editor Mário de Moura trazem um retrato bastante vívido do rádio praticado no Brasil (com ênfase em São Paulo) em meados da década de 1950, e das influências internacionais que recebia na época. É de se registrar que de todas as referências citadas por Zita, este é o único livro brasileiro. E ele até agora não consta da Bibliografia sobre Rádio publicada no Portal do Rádio da Intercom³.

Oito textos sobre técnicas de rádio

A antologia organizada por Mário de Moura reuniu oito textos. O primeiro deles, assinado por Pedro Neme, tem como tema "programação", e analisa as grades vigentes então em três emissoras paulistas, as rádios Difusora, Cultura e São Paulo, que transmitiam dezoito horas por dia, ficando fora do ar durante as madrugadas. Após descrever e criticar a forma como estavam estruturadas as grades, o autor do capítulo dá dicas pragmáticas de como estruturar uma programação, numa época em que as emissoras eram generalistas, a audiência era sobretudo doméstica e a TV ainda não havia tirado do rádio o *horário nobre* noturno:

"Afora os programas continuados, que se vendem numa duração variável de acordo com a sustentação econômica, por meio do patrocinador, tudo o que acontece numa emissora é bastante maleável, sofrendo altos e baixos, de acordo com as possibilidades de organização e com as modificações do ambiente social, nos seus fenômenos cotidianos. Assim, no Período da Manhã, temos, do início da transmissão, algumas emissoras às 6 horas, outras às 7, outras ainda às 8 (está já fora do objetivo de programa matutino), até 9 a 10 horas, a sequência de programas para atingir a classe mens favorecida, que sai de manhãzinha para o trabalho, bem como a classe média, sempre se preparando para as atividades diárias quase bem cedo. No período do Meio-Dia, a audiência é sempre a dona de casa, um grupo enorme de funcionários que trabalham depois do meio-dia, e a população que trabalha e vai almoçar em casa. À tarde são ainda as donas de casa a grande audiência. À noite, no primeiro período, até 8 horas, a audiência se transforma, com o pessoal que volta do trabalho, do passeio e de

³ <https://blog.ufba.br/portaldoradio/bibliografia/>

outras atividades; no segundo período, dentro do que as emissoras chamam *horário nobre*, a audiência é praticamente familiar, e quando então acontece a fase de maior exigência por parte do ouvinte, obrigando o programador a cuidar dessa parte das transmissões com maior atenção, oferecendo grandes atrações. São programas mais maduros, pois as crianças já não fazem parte do grupo de ouvintes, tendo-se interessado pelas transmissões especialmente à tardinha, da volta da aula ou do folguedo." (NEME, 1956, p. 20-21)

O segundo capítulo, que é o citado por Zita, trata do radiojornal, e é assinado por Carlos Gonçalves. Em 1970, Zita demonstra preocupação em criticar o texto, por descrever práticas correntes no radiojornalismo brasileiro que 14 anos depois da publicação continuavam vigorando, apesar de contrariarem a natureza do meio, como a cópia da forma e do estilo do jornal impresso e o uso deste como fonte de notícias, quando não a leitura de suas notícias ao microfone na prática que ficou conhecida na época como *gilette-press* (LIMA, 1970, p. 89). No entanto, o texto tem por isso mesmo, como reconhece ela, um grande valor documental, e segue sendo citado por autores mais contemporâneos (como em MEDITSCH, 2001, p. 182) para demonstrar a evolução posterior da linguagem do radiojornalismo.

O terceiro capítulo, assinado por José Carello, tem como tema as entrevistas radiofônicas. Faz um histórico do meio a partir de referências francesas (as emissões da Torre Eiffel), usa exemplos norteamericanos do uso da entrevista para fins educativos e políticos (as *Fireside Chats* de Roosevelt) e por fim dá instruções técnicas para o bom desempenho na entrevista analisando a importância dos temas e assuntos e os papéis do entrevistador e do entrevistado.

O quarto capítulo, assinado por Mário Campos, um dos mais interessantes da coletânea, fala de reportagem esportiva, e tem como principal referência a cobertura das lutas de box pelas rádios dos Estados Unidos, salientando o desafio do narrador (que chama no texto de repórter) ser ao mesmo tempo objetivo e torcedor:

O repórter radiofônico, se não visar a objetividade, fracassará. Se não for um homem apaixonado pelos acontecimentos, fracassará também. Ele tem que desdobrar-se simultaneamente! A sua voz deve estar carregada com a tensão que está no ar e cujo impacto o ouvinte longínquo recebe apenas pelas cordas vocais do repórter. As suas frases, a sua respiração, a sua maneira de dizer devem estar prenhes de um certo "quê", que sugere aos ouvintes tremendos acontecimentos antes de ser proferida a próxima frase. Exige-se de um bom repórter senso de drama e, conseqüentemente, intuição da estrutura de uma reportagem falada: variação máxima do timbre da voz para que uma ênfase constante não canse; inteligente justaposição de alta tensão e sentenças mais relaxadas; nada de monotonia; se nada acontece no ringue, intercalação de interlúdios biográficos, criação de atmosfera, descrição física e psíquica dos pugilistas, etc. Só em caso de necessidade absoluta "taquigrafar" as ocorrências com 240 palavras por minuto. Ter uma língua flexível é uma bela qualidade, mas não se espera do repórter que cante a célebre ária de Fígaro. Essencial é sempre a máxima plasticidade da

linguagem, uso de metáforas originais, mas não demasiadamente esquisitas. Consideramos o maior fracasso de um repórter se durante uma luta cria na mente dos ouvintes uma imagem torcida dos fatos, a qual no fim é desmentida pelo resultado da luta ou da competição. Tal fato geralmente decorre da incapacidade do repórter de livrar-se, pelo menos até certo ponto, das suas simpatias pessoais. (CAMPOS, 1956, p. 66)

Mário Campos termina o texto comparando a narração do pugilismo com a do futebol, mais importante no Brasil, salientando as dificuldades acrescidas do narrador neste esporte, por ter que dar aos ouvintes uma visão do posicionamento da bola no campo e falar de 22 competidores em vez de dois. O texto traz as opiniões de vários profissionais importantes da época no centro do país sobre a melhor maneira de transmitir futebol, relatando experiências realizadas em várias emissoras. Por fim, fala também das transmissões de turfe e da responsabilidade das emissoras em incentivar a educação física e o esporte amador.

Pedro Neme assina o quinto texto da antologia sobre programas para o auditório. Começa com uma descrição técnica sobre propagação, absorção e reflexão do som, que tem consequências para a estrutura dos estúdios e dos auditórios das emissoras, e fala em seguida da importância do animador, de sua vivacidade e capacidade de improvisação para segurar os programas quando ocorrem falhas de organização. Enumera os tipos de programas de auditório, da importância do *script* e do tipo de assistência e sua participação. Por fim, adverte para o principal erro que se pode cometer nesse programa: esquecer que o ouvinte em casa, e não o presente, é a sua principal razão de ser.

O sexto texto do livro, assinado por Hugo Bialski, trata da música no rádio, numa época em que ela ainda era trabalhada ao vivo nas emissoras. Começa por uma discussão técnica sobre as formas de irradiação da música - por telégrafo, modulação da amplitude (AM) e modulação da frequência (FM), e fala da emoção do músico ao tocar no estúdio e sentir a presença do público distante. Então discute as competências necessárias para o produtor musical que, na época, lidava com orquestras e arranjadores:

Do ponto de vista da organização do musical, podemos dizer que um programa é melhor ou pior de acordo com o seu produtor. O produtor, o diretor do musical, é aquele que escolhe as músicas e encomenda as orquestrações; é aquele que ensaia os artistas e descobre para que cantor ou cantora ou conjunto de sua emissora deve entregar tal ou qual arranjo. O produtor é ainda o homem que se senta ao lado do arranjador, do orquestrador, e com ele discute a *bossa* da orquestração. (BIALSKI, 1956)

O texto de Hugo Bialski também fala do uso de música gravada no rádio, dando instruções aos operadores de como cuidar bem dos discos e dos toca-discos, traz referências

da política musical da BBC de Londres, instrui como transmitir concertos e óperas e acaba com uma sessão sobre a música no radioteatro.

O penúltimo texto do livro é assinado por A. Rohder e fala sobre rádio e educação. Fala da experiência de outros países neste campo, do potencial e das limitações do meio como instrumento pedagógico. Discute as técnicas adequadas para transmitir conferências e o uso de diálogos, dramatização e reportagem na educação pelo rádio. Avalia os tipos de conteúdos que melhor funcionam na educação radiofônica e a importância da recepção coletiva para o melhor aproveitamento destes conteúdos. Por fim, fala do interesse e da motivação do ouvinte como elementos fundamentais para o sucesso do aprendizado.

A antologia é encerrada com um texto de Alcides Klein sobre publicidade radiofônica. Parte de uma discussão, a partir do ponto de vista do anunciante, sobre o que considerar e como proceder para utilizar bem o meio e, utilizando referências norte-americanas, fala das técnicas de produção de anúncios. Discute quando o anunciante deve patrocinar programas e cita vários profissionais brasileiros neste tópico e no seguinte sobre a produção de jingles, em que entrevista o especialista Gilberto Martins, que resume uma estratégia da época:

"Levo cerca de 15 dias trabalhando numa ideia. Os detalhes são verdadeiro trabalho de relojoaria. Lido não com minutos, mas com segundos. Burilar uma sílaba, uma expressão, uma flexão de voz, um ruído, um acorde musical, para mim constitui o mesmo trabalho que tem o autor de novelas para aperfeiçoar uma cena." Isso poderá fazer concluir que a produção de jingles é uma coisa mecânica, mas Gilberto Martins esclarece-nos qual é o espírito, o princípio psicológico que anima a produção de anúncios musicados: "É o toque infantil; um jingle, desde que tenha um clima infantil, tanto na história como no elemento musical, desperta imediatamente o interesse da criança, que o compreende instantaneamente, e o do adulto, pelas recordações que o tema ou a musiquinha lhe traz de seus tempos de infância; resumindo: com o toque infantil desperto o interesse consciente da criança e o subconsciente do adulto". (KLEIN, 1956: 143)

Alcides Klein ainda apresenta critérios técnicos para a eficiência do anúncio radiofônico e propõe que esta seja medida em estudos de penetração, testes prévios, testes de questões e testes de vendas, citando técnicas de marketing utilizadas nos Estados Unidos.

Além dos oito textos, a antologia traz uma apresentação do organizador Mário de Moura, que destaca o processo de profissionalização do rádio em todos os países que deslocava os amadores e estava produzindo uma rica bibliografia em todas as línguas - menos na língua portuguesa. Era essa lacuna que o lançamento de uma nova coleção da Editora Páginas viria a preencher. O organizador, que era também diretor da Editora, anunciava a coleção "Páginas de Rádio e TV" de que a *Introdução às Técnicas*

Radiofônicas seria só o primeiro volume, com um Conselho Editorial formado por autoridades do assunto do Brasil e de Portugal⁴, e listava os livros que a seguiriam e seus autores:

RADIOJORNALISMO - Prof. Fernando Tude de Souza
UM PROGRAMA DE TELEVISÃO - Souto de Almeida
RADIOTEATRO, Função e Técnica - Eduardo Campos
A INVASÃO DOS MARCIANOS - Orson Welles
TEATRO E CINEMA NO RÁDIO - de Fred Selber e Walter George Durst
O RÁDIO VAI AO CAMPO - O. Pascoal Longo
PANORAMA MUNDIAL DO RÁDIO & TV - Mário Moura (MOURA, 1956, p. 8)

Ao mesmo tempo, colocava o futuro da coleção nas mãos dos leitores:

Quanto ao futuro da coleção pomo-lo em suas mãos, Leitor. De seu apoio à nossa iniciativa depende seu êxito e sua sobrevivência. E sobreviver, editorialmente, é vencer. E vencer, neste caso, é permitir-lhe organizar uma biblioteca atual, ampla, variada, completa e de alto nível, dos melhores autores e sobre os mais apreciados temas. Por isso nos permitimos solicitar-lhe este apoio, franco e decidido, que a ele saberemos retribuir. Rio de Janeiro, março de 1956. MÁRIO MOURA (MOURA, 1956, p. 12)

Mas o apoio não veio da forma franca e decidida que era esperada, e a coleção *Páginas de Rádio e TV*, como constatou Zita de Andrade Lima em seu livro, não foi além deste primeiro volume. Numa pesquisa realizada em sebos brasileiros (pelo site www.estantevirtual.com.br) não encontramos informações notícia sobre nenhum dos que estavam programados. No entanto, a Editora Páginas teria um protagonismo maior em outras áreas de comunicação e artes, como o cinema e o teatro, e seu editor Mário de Moura se tornaria num dos principais nomes da indústria editorial do Brasil e de Portugal, onde nasceu.

A Editora Páginas de Mário de Moura

Além da apresentação do organizador, as páginas iniciais da *Introdução à Técnica Radiofônica* informam que se trata de uma editora binacional, com sedes no Rio de Janeiro e em Lisboa, dirigida por Mário de Moura no Brasil e Rui de Moura em Portugal. Em terras lusitanas, a família Moura aparentemente optou por outro nome, a Editora Páginas não funcionou por lá, e em seu lugar criou a Livros Horizonte que segue funcionando 60 anos depois no mesmo endereço de Lisboa, sob a direção de em terceiro irmão, Rogério de

⁴ O Conselho Editorial da coleção era formado por Alberto Shatovsky, Alfredo Souto de Almeida, Anselmo Domingos, Arnaldo Câmara Leitão, Borelli Jr., Eduardo Campos, Fernando Tude de Sousa, Henrique Fóreis (*Almirante*), Lauro de Medeiros, Lourival Marques, Mario Brasini, Moysés Veltman, Nestor de Holanda, O. Pascoal Longo, Roberto Ruiz e Sangirardi Jr.

Moura. A Livros Horizonte republicou em Portugal alguns livros da Editora Páginas, e segue publicando atualmente outros livros sobre mídia em parceria com o Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ).

O organizador e editor da antologia tem uma incrível trajetória como editor e autor. Depois de uma pesquisa realizada no Brasil (com a colaboração do colega Aníbal Bragança, da UFF, um dos maiores especialistas em livros em nossa campo) e também em Portugal (lá com o auxílio do colega Jorge Pedro Sousa, da Universidade Fernando Pessoa, do Porto), consegui localizá-lo, em plena atividade, 60 anos depois de lançar esse livro sobre rádio. Mário Mendes de Moura voltou a residir em Portugal e, com mais de 90 anos de idade, continua a escrever livros e a fundar editoras.

Num *post* do ano passado, o seu blog pessoal registra:

Hoje, 24 de setembro de 2014, chegaram às livrarias dois títulos novos: *O Contador de Estórias* (um livro de contos) e *O Escultor de Almas* (um romance). Autor: um desconhecido, um tal DeMoura. Editora: “4Estações.” DeMoura é o pseudônimo literário sob o qual eu resolvi publicar os livros que escrevi no último ano. Na verdade, escrevi ainda mais um outro livro de contos (*O Homem que perdeu a Sombra*) e mais um romance, aliás o primeiro (*O Roxo dos Jacarandás*). Todos os quatro em edições digitais, de 50 exemplares, para oferta a familiares e amigos. O meu nome é Mário Mendes de Moura e já houve em tempos um outro livro publicado com o meu nome, mas esse há apenas... sessenta anos. Imaginem! Não era literatura, mas um livro apologético do campismo desportivo, tendo batalhado bastante para a sua introdução em Portugal, publicado na então prestigiada Biblioteca Cosmos, sob o título de *O Campismo na Vida Moderna*, o que muito me envaideceu, rapaz que era com vinte e um anos. (MOURA, *post* em 25 set 2014)

O blog lembra o livro sobre campismo, mas não cita o livro sobre rádio cuja organização também assinou, embora não tivesse colocado seu nome na capa, mas apenas nas páginas iniciais e na apresentação, como talvez fosse prática nas antologias da época (em que a preocupação não era em preencher currículos acadêmicos). Num outro *post*, Mário de Moura conta que emigrou de Portugal forçado por sua militância antisalazarista, passou por dificuldades na Venezuela, no Canadá e também em seus primeiros tempos do Brasil. Aqui abriu sua primeira editora, a Editorial Andes, e embora a Editora Páginas já fosse outra, a segunda, o livro de rádio parece ter saído da sua experiência inicial:

Escrevi muitos outros livros, em geral obras práticas ou de referência, que saíam com pseudônimos diversos, pelas editoras que outrora dirigi, tais como a Pergaminho, a ArtePlural, a GestãoPlus, a Bico de Pena e a Vogais & Companhia. Sim, era editor, isto é, fui editor por sessenta anos, e é natural que alguns dos leitores deste desprezioso *blog* conheçam o meu nome, ou pessoa, já que exerci essa atividade em Portugal nos últimos vinte anos. Anteriormente foi no Brasil, por quase quarenta anos.(...) O certo é que nesse, então, maravilhoso país, eu, com apenas 29 anos, criei uma editora de livros, do zero, zero absoluto, com dois sócios que, como eu, nada entendiam da parte

editorial (um médico e o outro gráfico). Durante dois anos, ocupei-me não só da parte editorial como da comercial, aprendi muito de artes gráficas com o meu sócio gráfico, aprendi muito das outras vertentes no próprio mercado, que palmilhei com muito esforço e com atenção e curiosidade. (...) Contudo, havia um autor, não da Andes, Hugo Schlesinger, com o qual mantinha uma boa amizade, independentemente da área editorial. Ele organizava livros de referência, sobre indústrias e produtos de todo o Brasil, muito úteis naquela época e naquele imenso país em rápido desenvolvimento, que apareciam como edições de autor, e eram. Ele sugeriu que os editasse e distribuísse, pois o esquema de vendas dele era fraco e tinha pouco tempo para se ocupar da produção. Passei a editá-los, já nem me lembro com que chancela, e a distribuí-los. Publicava edições pequenas, que eram atualizadas constantemente, apesar de infelizmente não haver, então, o recurso a edições digitais. Estamos a falar de obras com informações atualizadas, indispensáveis num país imenso e em constante transformação e crescimento. Na realidade, esses livros vendiam bem, por serem únicos no gênero, e a venda era quase exclusivamente pelo correio, pelo que geravam uma boa margem de lucro. (MOURA, post em 25 set 2014)

Em outro post de seu blog, intitulado "páginas de prazer", Mário de Moura nos conta das que coleções que prosperaram na Editora Páginas, as "páginas de cinema" e as "páginas de teatro", que se tornariam referência para a cultura brasileira da época. Mas não faz referência às *Páginas de Rádio & TV*:

Como escrevi anteriormente, no início de 1955, estava eu sem trabalho e sem qualquer negócio, pois havia saído deliberadamente da Editorial Andes. Por uma questão de ética, achei que não deveria criar, pelo menos de imediato, uma outra editora e publicar títulos de autores que publicara na Andes. Com pouco dinheiro, teria que limitar as edições e concentrar-me a publicar somente em temas determinados, para poder ter maior poder de oferta. Fundei a EDITORA PÁGINAS, só com duas coleções: Páginas de Cinema e Páginas de Teatro, temas absolutamente descuidados pelos outros editores brasileiros. Fui o editor brasileiro que mais editou nesta área, e em língua portuguesa. (...) Adorei esta editora, tanto pelos livros que publicava, pois sempre adorei cinema e teatro, como porque a sede era uma sala no 18º andar num edifício novo, no Largo da Carioca, nesses tempos o centro nevrálgico do Rio. Dela desfrutava-se de uma linda vista para o Convento de Santo António e para o casario velho construído pelos portugueses, nas ruas em continuação desse morro. Além de sede, a sala também era livraria, só de livros de cinema e teatro em diversos idiomas, e praticamente todos os publicados no Brasil. Falta mencionar algo de muito importante: num canto, funcionava um barzinho onde rolava o uísque e caipirinhas, na companhia de alguns salgadinhos. (MOURA, post em 21 out 2014)

Com sua bela vista, seu barzinho e seu acervo, conta Mário de Moura em seu blog, a editora-livraria se tornou um ponto cultural que atraía alguns dos maiores nomes das artes brasileiras de então:

A frequência desta livraria era maioritariamente de quem trabalhava em cinema, TV e teatro. As conversas eram muito ricas e, por vezes, acaloradas. De realizadores posso citar Alex Viana, Néelson Pereira dos Santos, Lima Barreto, Alberto Cavalcanti, Glauber Rocha e outros. De artistas, uma longa lista que nem cito. De escritores para teatro e cinema: Augusto Boal, meu bom e saudoso amigo, fundador do Teatro de Arena também em Portugal, Vinícius de Moraes, Salviano de Paiva, Abdias do

Nascimento, fundador e diretor do Teatro do Negro do Brasil, e outros. De alguns destes editei os seus livros. (MOURA, post em 21 out 2014)

Para Mário de Moura, que foi proprietário e sócio de mais de uma dezena de editoras no Brasil, Portugal e Espanha, que publicaram mais de três mil títulos e quarenta milhões de exemplares, a Editora Páginas teve um sabor especial. É o que também confidencia no seu blog:

Foi talvez a editora que me deu maior satisfação, mas que não durou tanto quanto desejaria. A razão foi que tive que largá-la para enfrentar um desafio maior, um voo muito alto que afoitamente resolvi enfrentar. Fui convidado para criar uma grande editora de Ciências Sociais pelo Prof. Bilac Pinto (deputado, senador, embaixador do Brasil em Paris), proprietário da maior editora de livros de Direito do Brasil, a Revista dos Tribunais. Era um homem de uma família muito rica, ligada à área bancária, mas principalmente muito culto, inteligente e correto. Deste convite nasceu a Editora Fundo de Cultura, da qual qualquer dia falarei (MOURA, 2015).

Ao completar 90 anos, e após se despedir de mais algumas bem sucedidas aventuras editoriais, Mário de Moura dá uma lição de vida e revisa uma velha opinião que tinha: a de que se deveria largar uma carreira no seu auge. E eis que ele volta ao livro, como autor, e como fundador de mais um selo editorial. Ele conta no blog:

É facto que vendi a Editora Pergaminho há sete anos, uma editora que, na época, mais do que uma editorial era uma marca respeitada e de sucesso, e que vendi muito bem. Era a altura de me retirar. Mas parei? Não, meses depois criei a Vogais & Companhia, com o sucesso explosivo e prolongado de *O Diário de um Banana*, que vendi um ano depois em boas condições, há cinco anos. Fui turista ativo durante três anos, no ano seguinte escrevi dois romances e dois livros de contos. Depois das férias do ano passado iniciei a '4Estações-Editora' e a sua chancela editorial 'O Castor de Papel'. Ao celebrar noventa anos. Qual a razão? Qual a lógica? Deveria ter-me retirado quando? Quando vendi a 'Vogais', a 'Pergaminho' ou alguma das brasileiras, talvez a 'Fundo de Cultura', ainda tão celebrada? Quero crer que voltei por duas boas razões: Primeiro, pela minha paixão pela leitura e pelos livros, desde muito novo, a partir dos meus oito anos. Mas para acalmar essa paixão, dirão, não bastaria ir de quando em quando a uma boa livraria? Sim, é certo, isto é, seria se não houvesse uma segunda razão: do que eu gosto mesmo é de 'criar', sim, isso mesmo, criar, no sentido amplo da palavra. E asseguro-lhes, nada como editarmos um livro para sentir a força do criar. Há sessenta anos que o meu trabalho é editar e dele tenho vivido, basicamente. Criei mais de uma dezena de editoras, felizmente com o sucesso suficiente para serem respeitadas pelos leitores, que é realmente o que me interessa, pois que só daí virão os resultados. Mas como o montanhista que de um alto de uma montanha ambiciona e propõe-se a subir outras, não ignorando nem temendo as dificuldades, decidi voltar a editar. Criei assim a '4Estações-Editora' e a sua chancela editorial 'O Castor de Papel'. Será difícil, eu sei, talvez esfole os joelhos ou erre a trilha, mas quero continuar. (MOURA, post em 28/02/2015)

Em um *email* enviado ao autor quando fechava esta comunicação, Mário de Moura explica porque a coleção *Páginas de Rádio & TV* não prosperou como as outras de Cinema

e Teatro da Editora Páginas há 60 anos:

A editora era pequena e a distribuição nas livrarias limitada pois a nossa forma de distribuir era pouco eficiente mas, principalmente, os livreiros achavam os temas (rádio, teatro e cinema) pouco comerciais (pois não conheciam a sua força e prudentemente compravam pouco ou não compravam). Só com o tempo é que começaram a considerá-las. Em consequência disso tive que criar um outro sistema de vendas paralelo que funcionou muito bem: as vendas pelo reembolso. Nesse tempo havia muitos cineclubes em todas as cidades do Brasil e através das listas dos seus sócios fazíamos promoção e conseguíamos vender muito bem, até por os fãs ficavam contentes por ter uma oportunidade de comprar um livro só disponível no Rio e São Paulo. Fazíamos também promoção junto das centenas de pequenos grupos de teatro amador e também tivemos sucesso nas vendas. Também tentamos vender diretamente para as muitas rádios existentes nessa época por todo o Brasil mas as vendas eram insignificantes, eles achavam que deveríamos enviar os livros de presente para publicitarem, mas isso para nós comercialmente não tinha interesse, porque o alvo era essencialmente eles. Teria editado, mesmo assim, mais alguns livros sobre Rádio se os autores convidados tivessem ultimado os originais e entregado. Para quem está fora do círculo editorial por vezes não se apercebe bem que a parte comercial (vendas=a boa distribuição) limita muito a parte editorial. Muitos projetos são inviáveis, outros morrem apesar de excelentes. Mas a vida da Páginas foi curta pois apesar de conseguir me sustentar (e aos filhos, na época já três), tive um convite irresistível: criar de raiz uma grande editora de Ciências Sociais, a Editora Fundo de Cultura, com os recursos de crédito e de logística da Editora Revista Forense (dirigida pelo Prof. Bilac Pinto, que me ofereceu sociedade e a direção editorial absoluta). Depois fiquei sócio exclusivo e mantive-a por quinze anos e editei cerca de mil títulos exclusivamente de psicologia, psicanálise, economia, sociologia, antropologia, educação, etc. acho eu que até hoje em língua portuguesa tenha sido a maior em Ciências Sociais. Deu-me muita alegria e um bom status financeiro e social. E acho que contribuí muito para a formação de profissionais nestas áreas e acompanhar o ritmo vertiginoso de abertura de faculdades nestas áreas (Tempo de Juscelino K.)." (MOURA, *email* ao autor em 25 de julho de 2015)

A Introdução à Técnica Radiofônica foi portanto um capítulo menor no percurso de uma Editora que fez mais história no Cinema e no Teatro brasileiros, e do editor e autor português que a organizou há 60 anos, notando a ausência de bibliografia na nossa língua sobre o meio. Todavia, merece ser lida e estudada como a primeira obra sobre técnicas de rádio publicada no Brasil (e, provavelmente, em todo o mundo lusófono). Tem um valor documental importante sobre o rádio do Brasil em meados dos anos 1950, como a pioneira acadêmica Zita de Andrade Lima já registrava em seu livro. Mas, embora as críticas de Zita ao único texto que cita da obra (o de Carlos Gonçalves sobre o radiojornalismo) sejam pertinentes, em relação ao que se aprendeu depois sobre técnicas de jornalismo no rádio, a coletânea traz muitas outras lições que mantém alguma atualidade após todas essas décadas, pois seriam úteis para reavivar um meio de comunicação cujo uso regrediu em nosso país neste tempo, em vários aspectos técnicos, embora tenha progredido em muitos outros.

REFERÊNCIAS

BIALSKI, Hugo. Música no Rádio. In MOURA, Mário de (org.) **Introdução à Técnica Radiofônica**. Rio de Janeiro: Editora Páginas, 1956 p. 93-110

CAMPOS, Mário. Radioreportagem Esportiva. In MOURA, Mário de (org.) **Introdução à Técnica Radiofônica**. Rio de Janeiro: Editora Páginas, 1956 p. 57-78

KLEIN, Alcides. Publicidade Radiofônica. In MOURA, Mário de (org.) **Introdução à Técnica Radiofônica**. Rio de Janeiro: Editora Páginas, 1956 p. 129-166

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e Técnicas de Radiojornalismo**. Brasília: Icinform, 1970

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Editora da UFSC/Editora Insular, 2001

MOURA, Mário de (org.) **Introdução à Técnica Radiofônica**. Rio de Janeiro: Editora Páginas, 1956 168 ps.

MOURA, Mário de. Encantos e desencantos de uma vida. Blog pessoal. <http://mariommoura.blogspot.com.br> 2014/2015 Acesso em 15 de julho de 2015.

NEME, Pedro. Programação in MOURA, Mário de (org.) **Introdução à Técnica Radiofônica**. Rio de Janeiro: Editora Páginas, 1956 p. 13-26